



HAL
open science

O circuito iconográfico de Jean Gottmann no Rio de Janeiro (1973)

Vincent Berdoulay, Paulo Cesar da Costa Gomes, Bernardo José Alvarez de Castro

► **To cite this version:**

Vincent Berdoulay, Paulo Cesar da Costa Gomes, Bernardo José Alvarez de Castro. O circuito iconográfico de Jean Gottmann no Rio de Janeiro (1973). Espaço Aberto, 2023, 13 (2), pp.245-270. <10.36403/espacoaberto.2023.60549>. <hal-04403198>

HAL Id: hal-04403198

<https://univ-pau.hal.science/hal-04403198v1>

Submitted on 18 Jan 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire HAL, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization

O Circuito Iconográfico de Jean Gottmann no Rio de Janeiro (1973)

Jean Gottmann's Iconographic Circuit in Rio de Janeiro (1973)

Paulo César da Costa Gomesⁱ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Bernardo José Alvarez de Castroⁱⁱ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Vincent Berdoulayⁱⁱⁱ
Université de Pau et des Pays de L'Adour
Pau, França

Resumo: Na Geografia, as imagens podem ser poderosos instrumentos para o desenvolvimento do raciocínio, a despeito do uso mais corrente que as condena ao papel de ilustrações. O objetivo deste artigo é adotar as imagens como principais elementos analíticos e explorar todo o seu potencial heurístico. O caso em estudo envolve as fotografias deixadas pelo geógrafo Jean Gottmann durante sua estadia no Rio de Janeiro em 1973. A escolha desse caso se deve tanto aos elementos composicionais presentes nas fotografias, como aos procedimentos utilizados em sua produção. Foram identificados três principais tipos de movimento na realização dessas fotografias: o circuito de Gottmann pela cidade, os deslocamentos da câmera em um mesmo ponto de vista e as imagens feitas em movimento. O estudo revelou que Jean Gottmann utilizava as imagens como instrumentos de pesquisa. As fotografias são testemunhas eloquentes da urbanização e metropolização do Rio de Janeiro registradas por Gottmann.

Palavras-chave: Imagens; Análise Composicional; Imaginação Geográfica; Metropolização; Urbanização.

Abstract: In Geography images can be powerful instruments for the development of reasoning, despite the more current usage that condemns them to the role of illustrations. The aim of this article is to approach images as primary analytical elements and explore

ⁱ Professor Titular do Depto. de Geografia. pccgomes@gmail.com.
<https://orcid.org/0000-0001-8354-4991>

ⁱⁱ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia. bernardocastro.geo@gmail.com.
<https://orcid.org/0000-0001-7778-9722>

ⁱⁱⁱ Professor Emérito. vincent.berdoulay@univ-pau.fr. <https://orcid.org/0000-0001-8558-4815>

their heuristic potential. The case under study involves the photos left by the geographer Jean Gottmann during his stay in Rio de Janeiro in 1973. The choice of this case is due both to the compositional elements present in the pictures and to the procedures used in their production. Three main types of movement were identified in the making of these photos: Gottmann's circuit around the city, the camera's displacements in the same point of view and the images made in motion. The study let to know that Jean Gottmann used images as research tools. The pictures are witnesses of the urbanization and urban sprawl of Rio de Janeiro.

Keywords: Pictures; Compositional Analysis; Geographical Imagination; Urban Sprawl; Urbanization.

Das Imagens na Pesquisa Geográfica

O uso de imagens como ilustrações tem uma tradição consolidada na bibliografia geográfica. Elas operam como auxiliares na comunicação e compreensão de propósitos explicados em outros suportes, principalmente em textos. Sob essa perspectiva, as imagens constituem produtos secundários na produção do conhecimento e ficam relegadas a um papel complementar, sem a pretensão de contribuir diretamente nas formulações explicativas. Essa tem sido a perspectiva dominante entre os produtores de material científico na Geografia (GOMES e BERDOULAY, 2018).

Há, entretanto, um paradoxo que se revela no fato de a própria palavra geografia, em sua etimologia, sugerir a importância de dispositivos gráficos no desenvolvimento do raciocínio que busca compreender a diversidade de feições que se apresentam no mundo. Geografia remete à ideia de uma inscrição na superfície terrestre dos processos e fenômenos, destacando, assim, a relevância das representações visuais na compreensão da organização espacial (GOMES, 2017). De fato, ao longo de sua história, o conhecimento geográfico tem feito o uso proveitoso de mapas, cartas, gráficos, fotografias aéreas e de outras formas de representações visuais para pensar e comunicar seus conceitos e descobertas (BROTTON, 2013). Essas imagens possibilitam ao observador visualizar e compreender a complexidade dos padrões espaciais e dos processos em diferentes escalas e contextos (GOMES, 2017; COSGROVE, 2008; BERDOULAY, GOMES e MAUDET, 2015).

Apesar disso, ao consultar a bibliografia, percebe-se que houve um gradativo abandono do aparelho gráfico na produção científica na Geografia. Essa perda é significativa atualmente e, com facilidade, se encontram números inteiros de revistas, capítulos de livros e até mesmo obras completas que não mais recorrem às imagens ou, quando o fazem, elas têm apenas o sentido alegórico de ilustrações ou figuração de exemplos de apoio ao texto. A subutilização das imagens nas publicações científicas coincide com a ausência de uma avaliação mais profunda sobre o estatuto delas na construção do raciocínio geográfico. Desse diagnóstico, deriva a necessidade de insistir na reflexão sobre o potencial das representações visuais na conformação do conhecimento geográfico. Julga-se também ser adequado à demonstração de uma justa apreciação delas, proporcionar uma análise a partir de casos concretos e efetivos. Para enfatizar a capacidade de pensar com as imagens, adotou-se aqui uma abordagem inversa daquela que é a habitual. As

próprias imagens são o ponto de partida para a discussão. O objetivo deste artigo é refletir sobre os modos de utilização de dispositivos gráficos, a partir de um exemplo bastante objetivo: um conjunto de 70 fotografias da cidade do Rio de Janeiro e de seus arredores produzidas pelo renomado geógrafo Jean Gottmann (1915-1994) durante sua viagem ao Brasil em 1973.¹

Sobre essas imagens não se dispõe, até o momento, de nenhuma informação clara acerca de seus propósitos, do contexto em que foram produzidas ou das intenções ao registrá-las. As fotografias fazem parte do acervo de imagens de Gottmann da Biblioteca Nacional da França e foram recentemente digitalizadas.

A falta de informações sobre essas imagens foi tomada como uma oportunidade para realizar um exercício que consiste em adotar uma perspectiva estritamente visual na interpretação das imagens. Por conseguinte, a despeito da enorme bibliografia produzida por Gottmann sobre o fenômeno urbano, buscou-se compreender os propósitos contidos nas composições por meio do exame das próprias imagens, sem recorrer a nenhum de seus textos. Espera-se com essa particular iniciativa contribuir para uma reflexão mais geral sobre a importância das imagens na produção científica geográfica e provocar o debate sobre as práticas convencionais de utilização desses dispositivos gráficos.

Um Geógrafo em Movimento

O geógrafo Jean Gottmann (1915-1994) é reconhecido internacionalmente como uma referência na bibliografia básica da Geografia. Seus textos são valorizados, entre outros aspectos, pela discussão do papel da iconografia na construção de identidades territoriais (GOTTMANN, 1952; 1973) e por suas contribuições no estudo da metropolização (GOTTMANN, 1964; 1990). A biografia de Gottmann acrescenta um elemento importante ao entendimento de seu modo de pensar (MUSCARÀ, 1998). Sua trajetória profissional foi marcada pela circulação por diversos lugares e em variados contextos intelectuais. Em 1921, aos seis anos de idade, Gottmann partiu de sua cidade natal, Kharkov, na época parte do Império Russo, atualmente na Ucrânia, para Paris. Aí Gottmann realizou seus primeiros estudos geográficos sob a orientação de Albert Demangeon (1872-1940), mas, com ocupação alemã da França em 1940, precisou se refugiar nos Estados Unidos. Nos anos seguintes, ele alternou seu exercício profissional entre os Estados Unidos, a França e a Inglaterra. Ele também realizou extensos trabalhos de campo em vários países, alguns dos quais foram registrados em fotografias, como Noruega, Inglaterra, Polônia, Áustria, Suíça, Itália, Espanha, Portugal, Grécia, Israel, Jordânia, Japão, Canadá, México, além do Brasil, e compõem um rico acervo de imagens produzidas por ele.²

A hipótese central deste artigo consiste em considerar que para Jean Gottmann as imagens, apesar de não serem constantes em suas publicações, seriam básicas em seus procedimentos de pesquisa e, portanto, um dos fundamentos na construção do seu raciocínio geográfico. Por isso, o exemplo dele é particularmente relevante e adequado aos objetivos deste estudo, pois representa uma abordagem inversa ao que é comumente praticado. Desta forma, sustenta-se aqui a proposição de que Gottmann utilizava as imagens como veículos primários para análise e interpretação e não reservava nenhum papel a elas como ilustrações dos propósitos apresentados em seus textos.

Essa razão é suficiente para não recorrer a nenhuma de suas publicações na interpretação do conteúdo e do sentido das imagens que serão examinadas. Todo o esforço analítico foi fundamentado somente na apreciação das imagens capturadas durante sua viagem de 1973 ao Rio de Janeiro.

Para interpretar esse material, um desafio inicial é aquele de compreender o que atraiu a atenção de Jean Gottmann na paisagem urbana da metrópole fluminense. O primeiro impulso foi se restringir a examinar exclusivamente o conteúdo daquilo que aparecia nas imagens. Isso significa dirigir a atenção para os elementos figurados e, a partir daí, extrair os temas e os sentidos das composições (GOMES, 2013). Evidentemente, a urbanização na metrópole do Rio de Janeiro era o tema principal, mas sob que ângulos e aspectos ela foi tratado nas imagens?

Simultaneamente à realização dessa tarefa, outra qualidade inesperada nos apareceu e se impôs como um campo promissor de discussão. Trata-se da identificação de um desenho metodológico sistemático que dirigia a produção das fotografias. Esse foi o resultado mais importante e passou a ser o eixo pelo qual todo o material fotográfico foi a partir de então analisado.

O Olhar em Movimento

A exposição *Jean Gottmann: An Iconography of Movement*, realizada pela União Geográfica Internacional (UGI) durante seu Congresso em Paris no ano de 2022, proporcionou uma oportunidade para reafirmar a figura de Jean Gottmann como um geógrafo inovador, constantemente em busca de novas experiências, em diferentes lugares ao redor do mundo (UGI, 2022). Paralelamente à exposição, uma mesa-redonda abordou o tema dos deslocamentos e viagens de Gottmann, reforçando a importância dessa faceta em sua trajetória.

No entanto, ao abordar a obra de Jean Gottmann neste trabalho, desejamos explorar um aspecto distinto daquele mostrado na exposição da UGI. A partir do interesse sobre as imagens fotográficas deixadas por ele durante sua viagem ao Rio de Janeiro, ficou claro que, além do movimento físico do geógrafo, havia outros movimentos incorporados nos próprios procedimentos de produção das imagens. Essa dimensão, embora importante, não foi mencionada nem na exposição nem nas outras análises dedicadas à obra de Jean Gottmann (SANGUIN e PREVELAKIS, 1996; MUSCARÀ, 2012).

O primeiro tipo de movimento é, obviamente, o próprio deslocamento de Gottmann pela cidade do Rio de Janeiro. Ao colocar as fotografias em ordem, uma primeira constatação se estabeleceu: a sequência de fotos descreve com justeza o percurso realizado, com indicações de onde foi o começo e das rotas percorridas. A escolha desse trajeto é um indicativo do interesse que guiou o deslocamento. Percebe-se que as áreas urbanas centrais consolidadas da metrópole do Rio de Janeiro mereceram uma primeira atenção, que, logo depois, se deslocou para as áreas de expansão, seguindo os principais vetores de desenvolvimento, tanto na direção oeste da Baixada de Jacarepaguá, quanto na direção norte da Baixada Fluminense. O percurso demonstra a coerência e o interesse de Gottmann, voltado para os processos de urbanização e de expansão metropolitana, seus diferentes padrões e tendências.

O percurso constitui um circuito, pois há uma coincidência entre o ponto de partida e o de chegada. Além do próprio circuito, outro elemento merece consideração. Trata-se da seleção dos pontos específicos a serem registrados e que constituem paradas nesse trajeto. A colocação em ordem das fotografias tiradas nesses pontos específicos resulta em uma sequência que compõe um roteiro visual (CASTRO, 2020). Desse modo, o percurso de Gottmann se materializa sob dois formatos distintos. O primeiro é marcado pela descontinuidade, representado pelas paradas estratégicas e pelo registro delas nas fotografias; o segundo formato é aquele obtido pela conexão entre os pontos de parada, revelando a continuidade do percurso.

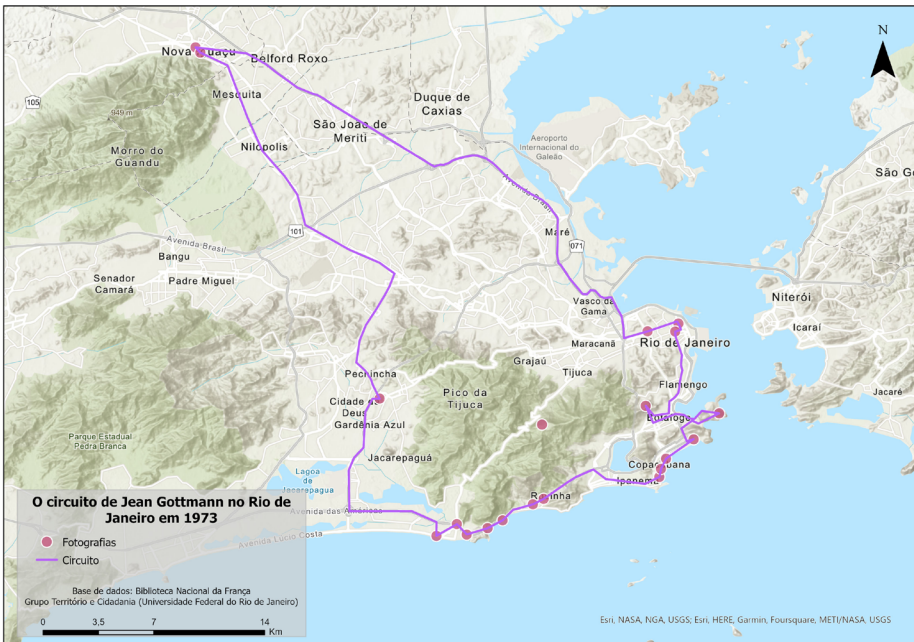
O segundo tipo de movimento tem relação direta com os pontos de vista das fotografias. Nessas ocasiões, a câmera assume um papel ativo, sendo ela rotacionada a partir de um mesmo eixo. Esse movimento permite a composição de panoramas por meio da continuidade de perspectivas obtidas a partir de um único ponto de observação. Ao produzir esse sequenciamento panorâmico, Gottmann tinha o cuidado de registrar sistematicamente o sítio preciso de onde cada série fotográfica era obtida. Trata-se de uma preocupação original e, até onde nossos conhecimentos alcançam, há poucos exemplos semelhantes na Geografia. Desde o século XIX, os panoramas urbanos são produtos imagéticos valorizados e reproduzidos em diversas cidades do mundo (COMMENT, 1993; BESSE, 2003; 2004). Na cidade do Rio de Janeiro, os primeiros panoramas foram feitos por pintores ainda no início do século XIX. Algumas dessas obras foram exibidas em cidades europeias, como é o caso do *Panorama do Rio de Janeiro*, pintado em 1822 pelo francês Félix-Émile Taunay (1795-1881) e exposto em Paris dois anos depois (HERMANN, 2017). Nesse sentido, a originalidade dos procedimentos elaborados por Gottmann não se situa apenas no uso dos panoramas como uma ferramenta metodológica da pesquisa. Com efeito, a inovação reside no registro dos pontos de vista a partir dos quais são construídos esses panoramas. Há nessa ação um duplo reconhecimento da variabilidade de composições possíveis, seja ela a partir de uma mesma posição, seja a partir da mudança dessa posição original.

O terceiro tipo de movimento identificado é caracterizado pelo simultâneo deslocamento da câmera e do seu operador. Isso ocorre em todas as fotografias capturadas através da janela do carro durante o itinerário de Gottmann no Rio de Janeiro.³ As fotografias obtidas por meio deste terceiro procedimento são condicionadas pelo movimento simultâneo da câmera e do autor. Esse duplo deslocamento impede que todos os elementos enquadrados estejam em foco na composição fotográfica. A própria janela do carro constitui um enquadramento necessário, limitando as possibilidades de escolha das composições. Dessa forma, cria-se uma hierarquia na composição, na qual o objeto central, que é o foco de interesse para o registro, é privilegiado, enquanto os elementos periféricos ficam desfocados. Assim, a própria composição revela o centro de interesse do operador da câmera.

A partir da compreensão desses movimentos, foi feita a análise composicional das fotografias selecionadas, com o propósito de identificar camadas de significado e narrativas visuais que emergem das capturas de Gottmann. Como foi dito, essa abordagem permitiu explorar o potencial das fotografias como veículos para o raciocínio geográfico e pretende demonstrar o quão frutífero pode ser esse tipo de interpretação.

Circuito, Conexões e Contrastes

Não há elementos suficientes que possam informar se os deslocamentos feitos por Gottmann na metrópole fluminense foram realizados em apenas um dia ou em dias diferentes. Na falta de indícios, considerou-se que o percurso se deu de forma contínua pela área urbana da cidade, por suas áreas de expansão na periferia da capital e por municípios que compõem a região metropolitana do Rio de Janeiro (Figura 1).



Legenda: O desenho desse circuito é uma reconstituição produzida a partir do reconhecimento dos lugares e vias figurados nas imagens e do registro fotográfico deixado por Gottmann. Ele abrange tanto as áreas de urbanização consolidadas da cidade do Rio de Janeiro, como as principais áreas de expansão da metrópole naquele momento.

Figura 1 – O circuito de Jean Gottmann no Rio de Janeiro em 1973.

Há, no entanto, evidências de que o circuito se iniciou e se concluiu no bairro do Leme, na Zona Sul do Rio de Janeiro.⁴ No conjunto das fotos, há uma sequência de três delas obtidas a partir do mesmo ponto de vista: a janela do quarto, em um dos andares superiores de um hotel situado na esquina das ruas Gustavo Sampaio e Anchieta. O ponto de vista dessas três tomadas constitui um forte indício de que ele esteve hospedado ali. Logo nessa primeira sequência, aparece o interesse de Gottmann em visualizar todos os ângulos possíveis que o ponto de vista oferece. Ele produz um panorama que é facil-

mente restituído pela ordenação das fotografias (Figura 2). O procedimento foi repetido na área adjacente ao hotel, no calçadão da praia do Leme (Figura 3).



Figura 2 – Panorama de uma quadra do Leme a partir da janela do hotel.
Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).



Figura 3 – Sequência de tomadas a partir do calçadão da praia do Leme.
Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (106).

Essa conduta de movimentar a câmera em um mesmo eixo para realizar varreduras, que parece ter sido experimentado inicialmente nas tomadas no bairro do Leme, foi reproduzido quase sistematicamente nas outras paradas do circuito que Gottmann fez pelo Rio de Janeiro. É possível supor, por isso, que a primeira sequência do quarto de hotel funcionou como uma espécie de experiência-piloto na constituição do sistema de observação que depois seria aplicado no registro de outros lugares, como no Pão de Açúcar (Figura 4), na Baixada de Jacarepaguá (Figura 5) e no centro da cidade (Figura 6).

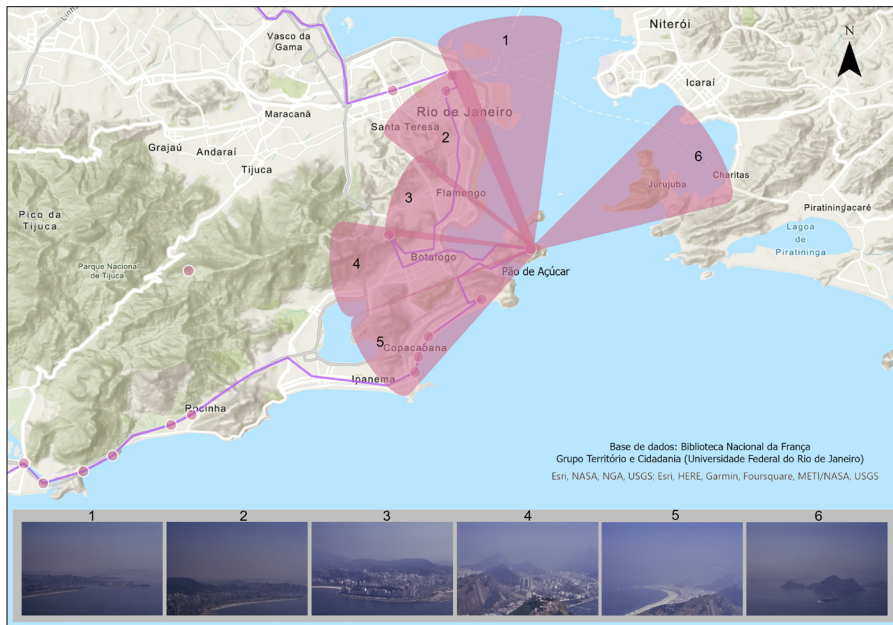


Figura 4 – Panorama a partir do Pão de Açúcar.

Fonte: Mapa elaborado pelos autores; Fotografias da Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (106).

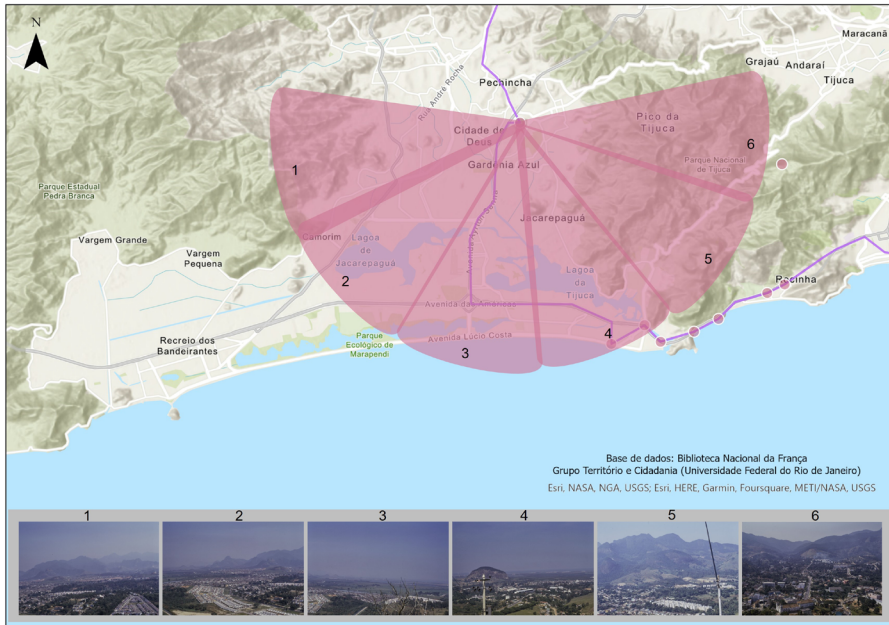
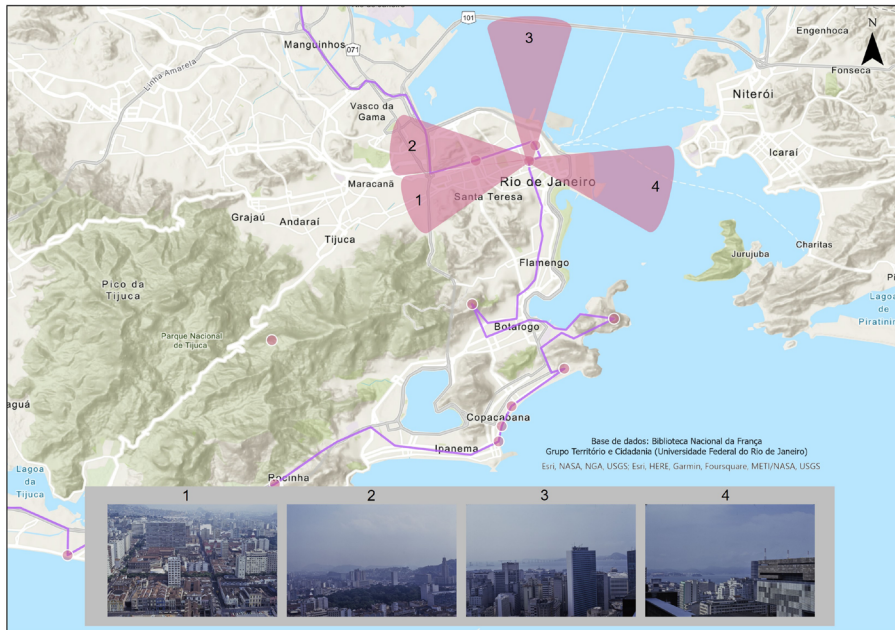


Figura 5 – Panorama a partir do Morro de Nossa Senhora da Penna, Freguesia, Rio de Janeiro.

Fonte: Mapa elaborado pelos autores. Fotografias da Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).



Legenda: Quatro vistas obtidas a partir do terraço do edifício Santos Vahlis. Na primeira fotografia, a cidade com casario mais antigo; na segunda, o Campo de Santana e a Central do Brasil; na terceira, o eixo da Rio Branco e seus arranha-céus; e, na quarta, o edifício da Petrobras e ao fundo a Baía de Guanabara.

Figura 6 – Panorama a partir do centro da cidade.

Fonte: Mapa elaborado pelos autores. Fotografias da Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (106).

À diferença do que foi feito no quarto do hotel, as demais sequências panorâmicas incluem uma foto na qual Gottmann registrou o próprio local a partir do qual a série panorâmica de fotos foi feita: o ponto de vista (Figura 7). Esse método deixa explícito o fato de que o panorama é obtido desde um sítio particular. É evidente que uma foto é feita a partir de um lugar singular e que ela variaria se essa condição fosse outra. No procedimento de Gottmann, essa característica é mostrada de forma explícita com o uso de imagens. Isso demonstra a honestidade intelectual do raciocínio analítico de Gottmann, ou seja, a preocupação de colocar em evidência a parcialidade contida na escolha de uma tomada fotográfica.

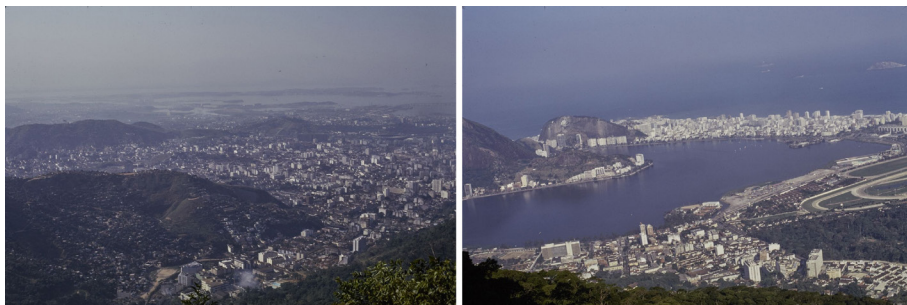


Legenda: Jean Gottmann registrou sistematicamente os pontos de vista a partir dos quais ele realizou os panoramas. No alto à esquerda, o cimo do morro Pão de Açúcar; na porção esquerda inferior, a Igreja de Nossa Senhora da Penna; à direita, o edifício Santos Vahlis nas proximidades do Largo da Carioca.

Figura 7 – Ponto de vista dos três panoramas.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105, 106).

Ao comparar os panoramas do centro da cidade, do Pão de Açúcar e da Baixada de Jacarepaguá, percebe-se algumas diferenças fundamentais colocadas em cena. A primeira delas é o papel do sítio urbano. As vistas do Pão de Açúcar e aquelas tomadas das estradas e mirantes do maciço da Tijuca ressaltam a topografia acidentada, a fachada litorânea, representada tanto pelas praias oceânicas quanto pelas margens da Baía de Guanabara, e as circunstâncias limitadoras ao crescimento urbano advindas da presença do maciço da Tijuca, de densa cobertura vegetal e do litoral (Figura 8).



Legenda: As características do sítio aparecem em várias tomadas fotográficas, sobretudo naquelas que foram obtidas dos mirantes e maciços da cidade.

Nesse caso, a fotografia à direita foi tirada a partir de um mirante na vertente norte do maciço da Tijuca; e a da esquerda, do Morro do Corcovado.

Figura 8 – O sítio urbano da Zona Norte e da Zona Sul a partir do maciço da Tijuca.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).

Já no panorama de Jacarepaguá, área de expansão da cidade, a topografia suave da baixada sugere a possibilidade de uma urbanização mais contínua e uniforme, a exemplo dos grandes conjuntos habitacionais. A vegetação é diferente da densa floresta das encostas dos morros do maciço da Tijuca, ela não constitui um obstáculo significativo à expansão e ocupação urbanas (Figura 9).

As mesmas características aparecem na Baixada Fluminense, outro vetor de crescimento urbano à época. O registro, no entanto, não pôde ser feito por Gottmann da mesma maneira, uma vez que a área da Baixada visitada não dispunha de nenhuma elevação sobre a qual ele pudesse obter um ponto de vista panorâmico semelhante aos anteriores. Ainda assim, é notável que ele tenha escolhido a rodoviária de Nova Iguaçu como elemento central desse vetor de expansão metropolitana (Figura 10). Essa área, hoje, é ocupada pelo calçadão de Nova Iguaçu, núcleo polarizador dessa cidade.



Legenda: A superfície regular das baixadas, áreas de expansão da cidade, não impõe os mesmos obstáculos ao crescimento urbano encontrados no sítio primitivo do Rio de Janeiro.

Figura 9 – Vista da Baixada de Jacarepaguá.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).



Legenda: Jean Gottmann registrou a rodoviária e uma rua comercial adjacente. O ponto de vista a partir da rua foi a escolha que se impôs a Gottmann nessa tomada.

Figura 10 – Área central de Nova Iguaçu.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).

Voltando aos panoramas, aquele do centro do Rio de Janeiro, por sua vez, apresenta uma valorização dos aspectos relativos à densidade da ocupação, exemplificados pelo foco conferido às grandes edificações, como o prédio sede da Petrobras. Nele, são ressaltados, portanto, a verticalidade, a densidade e o compromisso com uma estética moderna exemplificada pelo desenho arquitetônico dos edifícios (Figura 11). Mais uma vez, Gottmann

escolhe um sítio elevado, neste caso, o terraço de um arranha-céu, como lugar para tomada das cenas e, ao mesmo tempo, o registra para evidenciar a escolha deste ponto de vista.



Legenda: À esquerda, é possível perceber o avanço da cidade moderna sobre a velha cidade, a exemplo do grande volume de concreto e de linhas retilíneas representado pelo edifício Coral, construído em 1971, em destaque ao fundo e à esquerda da imagem; em contraste com o restante das edificações, de menor envergadura e linguagem arquitetônica predominantemente eclética, a exemplo do prédio do Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, de 1910, e da Igreja de Santo Antônio dos Pobres, construída em estilo barroco no início do século XIX e reformada em estilo neorromântico em 1940.

Figura 11 – Área central do Rio de Janeiro.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).

A densidade de ocupação é o aspecto mais evidente nas tomadas que apresentam o eixo da Avenida Rio Branco. Ela é formada por um aglomerado de altas edificações de padrão moderno na época. A modernidade também aparece na presença da Ponte Rio-Niterói, obra notável ainda em construção naquele momento. Por outro lado, em outras tomadas desse mesmo panorama, evidencia-se a concentração de sobrados que formam uma massa compacta associada a uma linguagem urbanística característica do século XIX e início do XX. Assim, o panorama final que se fixa na mente do observador é o do contraste constituído por padrões construtivos oriundos de diferentes temporalidades.

Além dos contrastes evidenciados nos panoramas, há distinções que podem ser extraídas a partir da observação acurada do confronto entre diferentes fotografias, nesse caso, não mais aquelas obtidas de um mesmo ponto de vista. Note-se que, ao contrário das vistas panorâmicas, nas outras imagens fotográficas, os contrastes não são mais obtidos de uma mesma posição. O que dá sentido a elas é a unidade do conjunto de fotografias obtidas no circuito realizado por Gottmann.

Dessa maneira, em algumas tomadas, é bastante razoável concluir que Gottmann estivesse interessado em distinguir tipos de habitação encontrados na cidade (Figura 12). Um deles se identifica com as áreas mais valorizadas e consolidadas da cidade, sobretudo no centro e na Zona Sul. São edificações de múltiplos andares destinadas à habitação e aos serviços, ocupando a totalidade do lote e traduzindo, assim, uma alta densidade e valorização imobiliária. O outro tipo é aquele característico dos bairros suburbanos e da

periferia metropolitana. Trata-se, nesse caso, de casas térreas, geralmente com apenas um pavimento, posicionadas no centro do lote e dotadas de jardins ou quintais. Isso configura, por sua vez, uma baixa densidade de ocupação e áreas cujos lotes não são tão valorizados, já que apenas um imóvel ocupa a totalidade do terreno.



Legenda: As diferenças do tipo de habitação distinguem áreas da cidade: casas unifamiliares no subúrbio e edifícios residenciais nos bairros consolidados da Zona Sul.

Figura 12 – Casa suburbana e edifícios de apartamento na Zona Sul.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).

A diferença do padrão de ocupação também pode ser observada no registro dos tipos de pavimentação das ruas. Assim, nas áreas consolidadas da Zona Sul e do centro, predominam as vias asfaltadas, amplas, com sinalização, demonstrando a intensa circulação viária. Já nas áreas periféricas, bairros da expansão urbana à época, prevalecem acessos de paralelepípedos ou estradas de terra (Figura 13).



Legenda: Dois padrões de arruamento em áreas de expansão. É notável, além disso, o papel das redes na urbanização: a viária; a de telecomunicação; e a elétrica.

Figura 13 – A expansão urbana na Zona Oeste e na Baixada Fluminense.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105, 106).

O contraste da acessibilidade não se expressa somente no tipo de pavimentação. Ele também está presente no registro dos diferentes meios de transporte que conectam as áreas da metrópole (Figuras 14 e 15). Há muito tempo, a bibliografia sobre a história e geografia urbanas do Rio de Janeiro tem destacado o papel do tipo de transporte na diferenciação das áreas de crescimento urbano. Na história urbana do Rio de Janeiro, as parcelas que eram servidas por bondes e aquelas atravessadas pelas linhas férreas do trem seguiram processos de ocupação bastante diversos, configurando duas grandes unidades conhecidas como a Zona Sul e grande Tijuca e a Zona Norte (BERNARDES e SOARES, 1987; ABREU, 2013).



Legenda: O mosaico exemplifica o contraste entre os modais de transporte associados aos diferentes padrões de expansão urbana: trilhos e avenidas.

Figura 14 – Trilhos ferroviários em área suburbana e avenida na praia da Barra da Tijuca.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105, 106).



Legenda: O centro de interesse da imagem é o afloramento rochoso do Morro Dois Irmãos, um dos elementos emblemáticos da topografia acidentada do sítio na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e que representou um desafio à expansão para a região da Barra da Tijuca. Nota-se que a imagem foi obtida a partir do interior de um veículo em movimento. A janela é o enquadramento necessário. O interesse do registro, o Morro, é o único objeto com foco.

Figura 15 – Vista do Morro Dois Irmãos a partir da via elevada do Joá.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (106).

O registro sistemático nas áreas de expansão de trilhos ferroviários, de estradas, de grandes avenidas e do terminal rodoviário tanto pode ser debitado à sensibilidade de Gottmann como pode ter sido provocado pelas pessoas que o acompanharam no circuito e que lhe teriam explicado o papel desses meios de transporte na configuração e consolidação dos bairros da cidade. O mais provável é que Gottmann tenha sido guiado pela cidade sob a encomenda daquilo que ele queria ver. Isso porque é improvável que ele tivesse conhecimento prévio da localização desses processos que o interessavam na cidade do Rio de Janeiro.

Há uma conjectura plausível: ele pode ter sido guiado e acompanhado por colegas geógrafos interessados no mesmo tema. Provavelmente uma dessas pessoas teria sido a geógrafa Lysia Bernardes. Na época, ela era a geógrafa mais identificada ao tema da metrópole (BERNARDES e SOARES, 1987; BERNARDES, 1959; 1961). No decorrer da década de 1970, além disso, Lysia Bernardes trabalhou em instituições e órgãos públicos de planejamento urbano e metropolitano. Esteve no Governo da Fusão Rio de Janeiro-

-Guanabara, como responsável pelo grupo de Política de Desenvolvimento Urbano, e, por isso, participou posteriormente na estruturação da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (FUNDREM) (NACIF, 2014). Todos esses predicados a qualificavam para ter sido uma acompanhante ideal na estadia de Gottmann no Rio de Janeiro em 1973 e para tê-lo ajudado a observar as diferenciações assinaladas nas imagens (tipos de habitação, tipos de vias de acesso, densidade de ocupação), que caracterizam com clareza dois padrões de urbanização diversos, registrados nas fotografias (Figura 16). Embora essa conjectura seja razoável, os cinquenta anos decorridos não permitiram confirmar esses fatos com relatos ou testemunhos.

De qualquer modo, os elementos figurados tal qual se apresentam nas fotos demonstram a capacidade de Gottmann em produzir imagens que comunicam conexões, padrões e contrastes na urbanização carioca. Ainda que alguns deles tenham sido indicados por colegas brasileiros, a composição pela qual eles são expostos nas imagens comprova a autonomia do raciocínio de Gottmann.



Legenda: As fotografias apresentam o registro de dois padrões urbanos na mesma metrópole.

Figura 16 – Avenida Rio Branco e rua na periferia da cidade em área de expansão.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France,

Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).

Por último, há ainda outro contraste sugerido na forma de figuração da vegetação. Grandes massas vegetais aparecem em praticamente todas as fotos, entremeadas às áreas urbanizadas. Em algumas fotografias, no entanto, o tipo de enquadramento e a composição insinuam uma relação invertida, na qual a massa vegetal surge delimitada pela própria cidade (Figura 17). Esse duplo registro da vegetação provoca uma série de questões sobre as relações possíveis entre cobertura vegetal e urbanização. O registro fotográfico é eloquente, coloca em cena o problema e o contexto no qual aparece. Essa é uma das riquezas do recurso imagético quando bem utilizado.



Legenda: Duas formas de relação da cidade com a vegetação. Em Jacarepaguá, a vegetação está espalhada entre as áreas construídas; no centro, em contraposição, a vegetação aparece delimitada pela cidade.

Figura 17 – Vista da Baixada de Jacarepaguá a partir do Morro da Penna e vista do centro da cidade com o Campo de Santana e o prédio da Central do Brasil.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).

Essa análise não estaria completa sem o comentário sobre uma imagem bastante particular deixada por Gottmann. Nela o tema central não é uma paisagem, nem uma feição urbana ou qualquer outro elemento do ambiente físico. Com efeito, o tema da foto é um braço, com um dedo que aponta (Figura 18). Utilizar o dedo para indicar, ação denominada *indexicalidade*, é um gesto que relaciona o lugar daquele que aponta e aquele que está sendo indicado (COLLETTA, 2017).⁵ Apontar com o dedo indicador

significa, então, estabelecer uma direção que deve ser tomada ou olhada. Esse recurso foi muito utilizado nas artes pictóricas e na estatuária, por exemplo, produzindo sentidos metafóricos bastante ricos. O quadro pintado por Rafael Sanzio, em 1519, denominado *Escola de Atenas*, é um exemplo clássico disso. As figuras centrais do quadro são a do filósofo Platão, identificada pelo gesto do dedo indicador apontando para cima, para o mundo das ideias, e com a outra mão segurando um volume do *Timeu*; e, ao seu lado, Aristóteles, com um volume da *Ética*, figurado com a palma da mão voltada para o chão.



Figura 18 – Vista do aterro do Flamengo a partir do Pão de Açúcar.

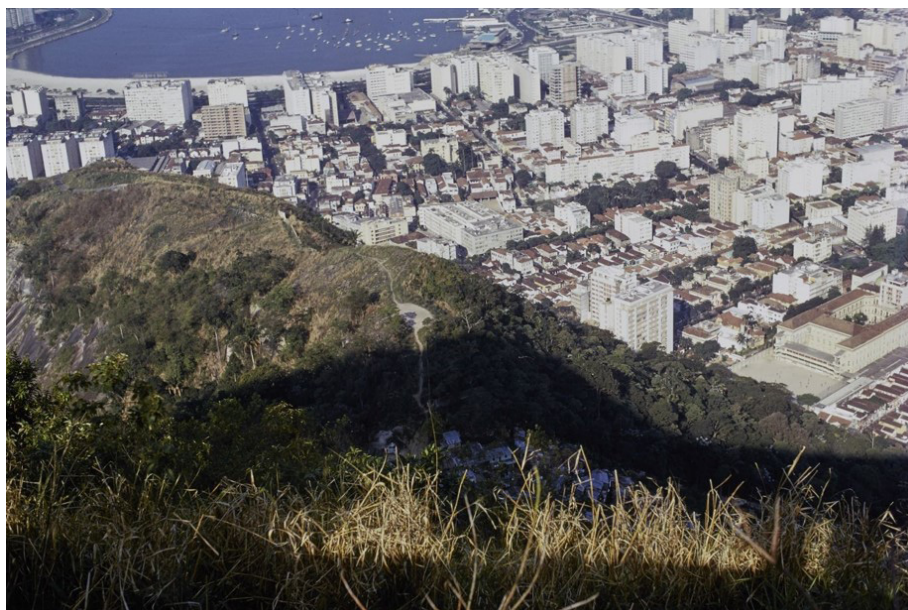
Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (106).

O gesto de apontar, no entanto, tem também um uso prático bastante usual na linguagem cotidiana, nos esquemas gráficos que mostram a localização ou a direção. É esse gesto que dá sentido à estetização que o transforma em setas e flechas, tão utilizado na sinalética gráfica que orienta os deslocamentos físicos ou do olhar. Esse exemplo justifica a razão pela qual se insiste aqui em considerar a indexicalidade como um recurso que relaciona fundamentalmente dois lugares.

Que sentido poderia ter essa foto na coleção de imagens deixadas por Gottmann? Sugere-se que essa imagem seja compreendida como um testemunho e uma advertência. Ela salienta o estatuto da observação na construção do conhecimento, mas, com sutileza, indica que aquilo que é visto consiste em uma escolha da direção e do arbítrio daquele que o indica. Em outros termos, sem nada dizer, Gottmann discute, nessa imagem, quem dirige a observação, aquilo que deve ser olhado, de onde deve ser visto, ou seja, nos

adverte sobre as operações visuais que são guiadas nas imagens que obtemos sobre os fenômenos. A admirável originalidade é que tudo isso é feito a partir de uma imagem.

Em síntese, a observação analítica do conjunto das fotografias permitiu vislumbrar a relação entre os diferentes tipos de ocupação, as diferentes fases da urbanização, as circunstâncias físico-naturais e as dinâmicas de uso e valorização da terra, tudo isso na mesma metrópole. É preciso ressaltar, finalmente, que mesmo sem nenhum recurso textual, as próprias imagens colocadas em sequência ou confrontadas entre elas são capazes de revelar essa complexidade envolvida nos processos de urbanização e crescimento da cidade do Rio de Janeiro (Figura 19).



Legenda: Composição contendo os quatro elementos essenciais da iconografia que participa da construção da identidade urbana do Rio de Janeiro: a cidade, o mar, a montanha e a floresta.

Figura 19 – Vista parcial de Botafogo a partir do mirante Dona Marta.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France,
Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).

Um Circuito Original

Este artigo apresentou a especificidade de ter sido inteiramente conduzido seguindo a ordem do percurso de Gottmann em sua visita ao Rio de Janeiro, em 1973. Isso mostra, portanto, que as imagens e sua sequência podem constituir fios condutores potentes na observação e interpretação do mundo. O procedimento adotado aqui rea-

firma o poder heurístico das imagens e as transforma em documentos fundamentais na investigação geográfica. Nisso consistiu a principal originalidade do trabalho aqui apresentado.

Para além do conteúdo e da composição encerrados nas fotografias, o material legado por Gottmann propiciou a identificação de uma forma original e eficiente de trabalhar com as imagens. Elas são propriamente ferramentas de trabalho e instrumentos de pesquisa e, desse modo, estão distantes do uso corrente que se faz delas. Quando abordadas assim, as imagens constituem veículos precisos na descrição e interpretação da conformação de uma cidade e dos processos que nela têm lugar. A preocupação de Gottmann com alguns procedimentos básicos, como exaurir todas as possibilidades oferecidas pelos pontos de vista, criar varreduras e observar a cidade a partir de diferentes sítios e posições, demonstra o seu comprometimento em produzir um método sistemático de observação e registro. Em outras palavras, isso significa estabelecer um método no qual as fotografias assumem um papel central na interpretação.

É importante sublinhar, além disso, que o circuito realizado por Gottmann compreende tanto os lugares conhecidos e normalmente percorridos como também aqueles que despertam pouco interesse ao visitante ordinário. Isso fornece indícios de que o percurso tinha um alvo preciso e que o interesse global da viagem de Gottmann era observar os processos e vetores de expansão urbana das grandes cidades e metrópoles.

Ainda que o circuito em sua totalidade seja original e sublinhe aspectos relacionados aos interesses de Gottmann nos processos de urbanização, é preciso reconhecer que nos pontos de vista mais visitados, Gottmann reproduz enquadramentos e composições comuns aos outros visitantes da cidade. Isso ocorreu nas tomadas feitas a partir dos mirantes do Pão de Açúcar, do Corcovado e do Morro Dona Marta. Nas escolhas de pontos de vistas dessas imagens, há uma persistência nos ângulos que são aqueles, em geral, comumente encontrados e reproduzidos. Isso confirma a potência desses dispositivos visuais para guiar e condicionar o olhar (GOMES, 2015). Assim, ainda que o interesse de Gottmann seja mais informado e preciso que o do visitante comum, os mirantes têm a capacidade de dirigir o olhar e a reprodução dos registros gráficos da cidade (Figura 20).

Gottmann nos ensinou muito sobre os processos de urbanização e metropolização, suas publicações são testemunhos eloquentes da qualidade inovadora e potente para compreender os predicados da produção do espaço no mundo contemporâneo. Talvez, ele tenha também nos legado indícios das ferramentas básicas que operam na construção desse conhecimento, o uso das imagens. Se isso for verdadeiro, pode-se concluir que Gottmann tenha nos ensinado o papel e as condições do olhar na compreensão da cidade. A coleção de imagens fotográficas da cidade do Rio de Janeiro compõe um testemunho disso.



Legenda: Imagem clássica da cidade do Rio de Janeiro, reproduzida frequentemente em diferentes suportes, como pinturas, gravuras, fotografias e filmes, e parte da iconografia do circuito de Jean Gottmann pela cidade.
Figura 20 – A enseada de Botafogo e o Pão de Açúcar a partir do mirante Dona Marta.
Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département des cartes et plans, GE EE-9494 (105).

Referências Bibliográficas

ABREU, M. A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.

BERDOULAY, V.; GOMES, P. C. C.; MAUDET, J. B. L'image dans l'écriture géographique: enjeux épistémologiques et valeur heuristique. *Géographie et cultures*, n. 93-94, p. 153-73, 2015. <https://doi.org/10.4000/gc.3938>.

BERNARDES, L. Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro até o início do século XX. *Boletim Carioca de Geografia*, v. 12, n. 1, p. 17-39, 1959.

_____. Expansão do espaço urbano no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 23, n. 3, p. 495-525, 1961.

_____; SOARES, M. T. S. *Rio de Janeiro: cidade e região*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987.

BESSE, J. M. *Face au monde: atlas, jardins, géoramas*. Paris: Desclée de Brouwer, 2003.

_____. De la représentation de la terre à sa reproduction : l'invention des géoramas au dix-neuvième siècle. In: *Comblar les blancs de la carte*, p. 35-59. Strasbourg: Presses universitaires de Strasbourg, 2004. <https://doi.org/10.4000/books.pus.12534>.

BROTTON, J. *A History of the World in 12 Maps*. Nova York: Viking Penguin, 2013.

CASTRO, L. S. Percursos e Geografia: uma reflexão sobre o trabalho de campo. *Gira-mundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II*, v. 7, n. 14, p. 87-96, 2020. <https://doi.org/10.33025/grgcp2.v8i14.2959>.

COLLETTA, J. M. La deixis spatiale: entre indexicalité et représentation. *Langue française*, n. 193 (1), p. 127-44, 2017. <https://doi.org/10.3917/lf.193.0127>.

COMMENT, B. *Le XIX siècle des panoramas*. Paris: Société Nouvelle Adam Biro, 1993.

COSGROVE, D. *Geography and vision: seeing, imagining and representing the world*. Londres: I. B. Tauris, 2008.

GOMES, P. C. C. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. *Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

_____; BERDOULAY, V. Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, v. 27, n. 2, p. 356-71, 2018. <https://doi.org/10.15446/rcdg.v27n2.65165>.

_____. Rio de Janeiro, a cidade dos múltiplos mirantes. *Espaço Aberto*, v. 5, n. 2, p. 9-26, 2015. <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2015.5232>.

GOTTMANN, J. *La politique des Etats et leur géographie*. Paris: Armand Colin, 1952.

_____. *Megalopolis*. Cambridge: The MIT Press, 1964. <https://doi.org/10.7551/mitpress/4537.001.0001>.

_____. *The Significance of territory*. Virginia: The University Press of Virginia, 1973.

_____. *Since Megalopolis: The Urban Writings of Jean Gottmann*. Londres: Johns Hopkins University Press, 1990.

HERMANN, C. Landscape and power: Taunay's and Burford's panoramas of Rio de Janeiro in Paris and London in the first half of the Nineteenth century. *Artelogie*, n. 10, 2017. <https://doi.org/10.4000/artelogie.796>.

IGU. 2022. *Jean Gottmann: An Iconography of Movement*. Paris: [s. n.], p. 102, 2022. Catálogo de Exposição, 18 jul.-2 set. 2022. Centre Sorbonne-Panthéon.

MUSCARÀ, L. Bibliografia completa di Jean Gottmann. *Cybergeogeo*, 1998. <https://doi.org/10.4000/cybergeogeo.1849>.

MUSCARÀ, L. Jean Gottmann's Atlantic "Transhumance" and the development of his spatial theory. *Finisterra*, v. 33, n. 65, 2012. <https://doi.org/10.18055/Finis1734>.

NACIF, C. Os anos de aprendizagem com Lysia Bernardes. In: MACHADO, M.; MARTIN, A. (orgs.). *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros*, vol. 1. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

SANGUIN, A. L.; PREVELAKIS, G. Jean Gottmann (1915-1994), un pionnier de la géographie politique. *Annales de géographie*, p. 73-78, 1996. https://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1996_num_105_587_20728.

Recebido em: 24/08/2023. Aceito em: 10/10/2023.

Agradecimentos

Este trabalho foi produzido com o apoio e financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Notas

¹ Desse conjunto das 70 fotografias, dois terços foram utilizados na análise. Aquelas que não figuraram na análise repetiam o mesmo tema e/ou as mesmas composições.

² O acervo com as fotografias produzidas nesses diferentes países também está disponível no portal online Gallica (<https://gallica.bnf.fr/>), da Biblioteca Nacional da França.

³ Esse procedimento também foi utilizado por Gottmann em suas viagens aéreas. Há inúmeros registros no acervo da BNF de imagens produzidas por ele através da janela do avião. No conjunto de fotografias analisadas aqui, no entanto, esse caso não aparece.

⁴ Foram levados em consideração a altura do sol, o movimento nas ruas e o próprio conteúdo das fotografias, além da situação do ponto de vista.

⁵ A semântica trabalha com esse aspecto e costuma dizer que é um referente no espaço físico e no tempo que o enunciador utiliza. Recebe o nome de dêixis (do grego: mostrar, indicar). São assim considerados todos os elementos do discurso que indicam tempo, lugar e participantes de um enunciado dentro de uma situação de comunicação. Recebe

Paulo César da Costa Gomes, Bernardo José Alvarez de Castro e Vincent Berdoulay

também o nome de dêixis espacial quando há um forte comprometimento dos lugares nessa comunicação (COLLETTA, 2017). Deve-se ao doutorando Thomaz Menezes (PPGG-UFRJ) as sugestões sobre esse tema trazidas aqui.